

O Teatro Negro Pernambucano: a ancestralidade presente no fazer teatral do grupo O Poste Soluções Luminosas

Rafael Augusto da Silva Ferreira¹
rafaeldatech@gmail.com

Resumo: O artigo acompanha o percurso do grupo O Poste Soluções Luminosas, criado em 2004 (iluminação cênica) e transformado, a partir de 2009, em coletivo de produção artística com pesquisa em matrizes africanas. A investigação centra-se numa ancestralidade corporal e vocal, articulando teatro físico/antropológico e as incorporações de orixás no Candomblé e na Umbanda. Em 2014, o grupo inaugura sede cultural no Recife e aprofunda o trabalho em Ombela, a partir do universo poético de Manuel Rui (chuva como metáfora sensível e feminina da linguagem). Para evitar estereótipos, recorre a apoio antropológico e pesquisa o imaginário da água (vida, purificação, regeneração), chegando a Iemanjá e Oxum como eixos cênicos. O espetáculo, em arena e com forte interação com o público, é apresentado como marco do teatro recifense e como encontro do sagrado com a cena contemporânea.

Palavras-chave: O Poste Soluções Luminosas; teatro negro pernambucano; matrizes africanas; ancestralidade; orixás (Iemanjá, Oxum); Candomblé/Umbanda; Ombela; Manuel Rui; imaginário da água; Recife.

Black Theater in Pernambuco: Ancestry at the Heart of O Poste Soluções Luminosas' Theatrical Practice

Abstract: The article traces O Poste Soluções Luminosas, founded in 2004 as a stage-lighting initiative and, from 2009 onward, reshaped into an artistic collective grounded in African diasporic matrices. Its research focuses on ancestral body and voice training, linking physical/anthropological theatre to orixá incorporations in Candomblé and Umbanda. In 2014 the group opened a cultural headquarters in Recife and developed Ombela, inspired by Manuel Rui's poetic universe, where rain functions as a sensorial, feminine metaphor of language. To avoid stereotypes and ritual misuse, the team sought anthropological guidance and studied water archetypes (life, purification, regeneration), centering Iemanjá and Oxum in performance. Staged in an arena with direct audience interaction, Ombela is framed as a milestone in Recife theatre and as a meeting point between the sacred and contemporary scenic creation.

Keywords: O Poste Soluções Luminosas; Black theatre in Pernambuco; African matrices; ancestry; orixás (Iemanjá, Oxum); Candomblé/Umbanda; Ombela; Manuel Rui; water imagery; Recife.

O Poste Soluções Luminosas, é um grupo que surgiu no ano de 2004 primeiramente idealizado para ser um grupo de iluminação cênica, onde assessorou diversas companhias e grupos,

¹ Pernambucano, ator, professor, figurinista e pesquisador em teatro, com o foco em Teatro Negro. Rafael busca trazer a vista a importância desse teatro para o teatro brasileiro e mundial. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1771288429635098> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8482-6293>

*O Teatro Negro Pernambucano: a ancestralidade presente no fazer teatral do grupo O Poste
Soluções Luminosas*

apenas no ano de 2009 que começam a se tornar um grupo de produção artística, composto por três integrantes Naná Sodré, Agrinez Melo e Samuel Santos, sendo a sua primeira montagem: O cordel do amor sem fim, de Cláudia Barral, O cordel trouxe o início a pesquisa a partir da matriz africana, pensando na composição de cores e volumes vindos das nações africanas que chegaram ao Brasil, sendo elas a Jeje e a Nagô.

Inicialmente norteados pelo teatro antropológico e o teatro físico, sendo estes um teatro que tem uma pesquisa ligada ao trabalho do ator e a sua fisicalidade. Atualmente o grupo vem em uma atividade de pesquisa na matriz africana como base de uma ancestralidade corporal e vocal pelo viés artístico teatral, traçando um paralelo entre as incorporações dos Orixás nos terreiros de Candomblé e Umbanda. Em 2014, o grupo inaugurou sua sede, concebida como um espaço de fomento cultural e, principalmente, de afirmação das matrizes africanas.

A Dança dos Ventos, a Antropologia Teatral, a Biomecânica, a irradiação, as entidades xamânicas e o imaginário dos Orixás fazem parte do processo na construção e reconstrução dos trabalhos. Em 2014 o grupo iniciou a sua temporada do espetáculo Ombela, texto escrito pelo angolano Manuel Ruy.

Poeta, contista, ensaísta, crítico, Manuel Ruy escreve com frequência comentários críticos para jornais e revistas angolanas, ombela, livro de poemas de Manuel Rui, publicado em 2007, transforma em realidade a quimera de molhar o chão da linguagem, semeando-o com o poder fecundante da palavra, literalmente, conotada. Associando “Ombela”, chuva no idioma quimbundo, de Angola, a “uluai”, chuva na língua manjaca, da Guiné-Bissau, Odete elabora um texto também de fino lirismo, lembrando a força reparadora das águas pluviais, metáfora do fluir criador do verbo poético: Ombela é também esse falar na liquidez dos olhos, esse proferir através da chuva, cantar e louvar a vida, como os mais velhos nos ensinaram. E foi o que nos deixou de herança... Tanto a vida, quanto a natureza que nos testemunha a força vital. A palavra e a força da fala. (Semedo, 2009, p. 47).

O livro Ombela representa uma nova dicção lírica na poesia angolana contemporânea, pois opera, deliberadamente, com “estratégias do sensível”, ombela é sensibilidade e sensação; trabalha com os sentidos, fazendo-os explodir em sinestésias e subjetividades. “Ombela”, quer dizer chuva, em umbundu. Contudo, nessa língua, são vinte as palavras para expressar as diferentes formas de chuva (Secco, 2009).

Ombela é chuva, ameaça de chuva (ocituto), primeira chuva (ombela lyombela), chuva fina (olome), chuva miudinha (okalusumila), chuva torrencial (epapwilo), chuva em abundância (apengu),

*O Teatro Negro Pernambucano: a ancestralidade presente no fazer teatral do grupo O Poste
Soluções Luminosas*

chuva acompanhada de trovão (elilimilambela), falta de chuva (ocitenha), chuva que dura o dia todo (ulembi), chuva acompanhada de sol (epengupengu), chuva abundante, mas passageira (etande).

Ombela é um poema carregado de lirismo; é água pluvial metaforizada pelos ventos da imaginação e das lembranças, cujos percursos seguem também os meandros da história angolana, desembocando em hesitações e interrogações tanto no que diz respeito ao presente, como ao futuro, ombela é metáfora da eroticidade da poesia, do princípio feminino da linguagem.

O grupo investiga o corpo ancestral na cena contemporânea, em busca de uma criação cênica de matriz africana. Em relação ao trabalho com Ombela, em particular, o grupo tinha muito medo de adentrar pelo universo africano e fazer um desserviço às lutas pela afirmação das africanidades, seja caindo no estereótipo, seja ferindo princípios de algum ritual por eles desconhecidos.

Com a ajuda de uma antropóloga o elenco ficou situado das situações e ocorrências do texto, foram-lhes transmitidas informações bastante relevantes quanto às culturas africanas, como o compartilhamento da experiência, o respeito aos mais velhos, a relação com a terra, além de elementos constitutivos do universo imaginário dos africanos (SIQUEIRA, 2017).

Como Ombela significa chuva o grupo fez uma pesquisa sobre o imaginário da água, a partir dos arquétipos o grupo focou em três temas predominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração, o diretor, Samuel Santos, propôs para as duas atrizes uma pesquisa das religiões de matriz africana, a proposta foi adentrar nesses espaços para estudar o corpo das pessoas que recebem entidades e orixás.

Dessa experiência chegaram dois orixás: Iemanjá e Oxum. Ambas são divindades das águas do rio, no espetáculo Ombela, a Deusa da chuva presente no texto de Manuel Ruy se desdobra para as duas divindades femininas da nação yorubá, com as técnicas trazidas a partir das pesquisas feitas nos terreiros (terreiro ou Ilê são os espaços onde se realizam as celebrações e encontros das religiões de matriz africana) e do corpo dos brincantes da cultura popular de Pernambuco (como cavalo-marinho e maracatu), cada atriz passou a aprofundar a pesquisa de suas respectivas divindades.

A sede do grupo Poste ficava localizada na Rua Aurora no bairro da Boa vista em Recife, atualmente se encontra na Rua do Riachuelo ainda no bairro da Boa vista em Recife, sendo um espaço alternativo o grupo pode modificar o cenário de acordo com o que vai se passar, em Ombela as paredes espaço foram revestidas de pallets, a fim de acentuar a rusticidade e aproximar o universo da cena ao universo rústico de um terreiro.

Por ser em formato de arena e trazendo essa intimidade com o público as atrizes ficaram presentes em cena do começo ao fim, as trocas de figurino e de persona eram realizadas na frente do público, permitindo uma conexão maior com o que estava acontecendo em cena, havendo momentos

*O Teatro Negro Pernambucano: a ancestralidade presente no fazer teatral do grupo O Poste
Soluções Luminosas*

de contato e interação com o público, seja por meio de bebidas recebidas ou até mesmo convites para entrar na arena e dançar com as deusas da chuva.

Ombela constitui, sem dúvida, um marco na cena teatral recifense, nota-se no teatro d'O Poste um empenho em se apropriar, num trabalho antropológico e quase arqueológico, das matrizes africanas capazes de reconstruir uma identidade do povo africano, macerada pelo movimento diaspórico, a fim de compreender o homem afrodescendente na sociedade brasileira contemporânea, ainda fortemente marcada por uma história de colonização que se faz presente, a despeito de o país já ter conquistado oficialmente sua independência há quase dois séculos.

Apesar de ser feito em um espaço específico, Ombela passou por vários teatros do estado do Brasil e já apresentou em Portugal, conseguindo trazer a mesma intimidade e potência que traz quando feita no seu local específico, inclusive quando fizeram online. Ombela é chuva, ombela é o encontro do sagrado com o público.

REFERÊNCIAS

SECCO, Carmen Lucia Tindó . Poéticas do sensível: história, imaginação, erotismo e afeto na poesia angolana pós-1990. In: Revista Diadorim, Vol. 5, 2009.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. Assim senti 'Ombela'... Uluai, chuva e palavra. In: Revista África 21, n.31, julho de 2009, p. 47.

SIQUEIRA, Elton Soares. Ombela: uma cena ancorada no imaginário africano. In: Revista ASPAS, Vol. 7, N. 1, 2017.